

Economista do BNDES propõe indexação total

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Indexação total da economia, até mesmo dos depósitos à vista nos bancos e da receita pública: esta é a alternativa que o economista Júlio Mourão, superintendente da área de Planejamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), considera a mais acertada para o momento atual, em vez da aplicação, pura e simples, de um novo choque econômico com congelamento de preços, nos moldes do Plano Cruzado e Plano Bresser.

Indexar a economia, hoje, segundo ele, significaria permitir a recomposição do equilíbrio dos preços relativos, diminuir o déficit público e ainda reduzir as pressões inflacionárias derivadas da expectativa de outro congelamento, e significaria também "preparar o terreno" para um novo choque heterodoxo em futuro próximo, mas desta vez dentro da proposta de "otenização da economia", menos "chocante" para a sociedade, na opinião dele.

Entre a repetição de um novo congelamento de preços e salários e a idéia de "otenização" — proposta dos economistas Périco Arida e André Lara Resende que prevê a conversão de valores, preços, serviços e salários em OTNs (Obrigações do Tesouro Nacional) —, Júlio Mourão fica decididamente com a segunda: "É uma transição mais natural da velha para a nova moeda, enquanto o cho-

que com congelamento impõe um determinado comportamento à sociedade pela força da lei e teria, hoje, uma aceitação mais difícil", afirma. E explica que, na idéia de "otenização", a adesão ao novo sistema é voluntária. A título de exemplo, um trabalhador poderia optar por continuar recebendo seu salário em cruzados corrigido pela Unidade de Referência de Preços (URP), como agora — reajustes com base na média da inflação do trimestre —, ou então escolher o reajuste de acordo com a variação da OTN. Naturalmente, nessa segunda hipótese o salário nominal deste trabalhador teria uma redução inicial pela média de alguns meses anteriores.

Na opinião de Júlio Mourão, esse processo poderia ser conduzido de forma a ter aceitação gradual, mas com maiores possibilidades de sucesso do que a fórmula do congelamento, já em descrédito pela população. As possibilidades de a inflação "contaminar" a nova moeda existem, admite ele, ressaltando, porém, que o mesmo aconteceu no caso do congelamento, "por má administração". "Na pior das hipóteses" — avalia — "teríamos a mesma situação de hoje".

Até atingir as condições para um choque nos moldes da "otenização" — do qual a recomposição dos preços relativos é requisito básico —, é possível que a economia ainda tenha de conviver com inflação elevada, afirma ele.

ESTADO DE SÃO PAULO